As Aventuras de Alice no País das Maravilhas

Lewis Carroll

Tradução:

Ricardo Gouveia

Preparação do original:

Helena Guimarães Bittencourt

Por que ler um clássico

Você sabe o que é um clássico de literatura universal?

É um livro que foi muito apreciado desde sua primeira publicação e, ao longo do tempo, traduzido para vários idiomas, continuou sendo lido e apreciado no mundo todo. Ultrapassou as barreiras do tempo e do espaço, tornando-se universal, isto é, uma obra consagrada por toda a humanidade.

Os livros e os autores clássicos marcam a história da literatura.

Além da emoção da história, a leitura de um clássico pode nos trazer muitas informações interessantes. Pense bem, nosso jeito de viver não surgiu do nada. As maneiras de pensar de cada época, a maneira de escrever dos autores, o jeito de ser das pessoas não são sempre os mesmos. Uma época influencia a outra, um país influencia o outro, e os costumes vão se transformando. Mas suas marcas não desaparecem. E essas transformações vão sempre continuar acontecendo. É assim que se faz a história, com H maiúsculo.

Lendo os clássicos, podemos conhecer um pouco da nossa história, reconhecer muitas dessas maneiras de ser e de pensar que nos influenciaram e que deram origem ao nosso modo de viver e de pensar.

Muitos livros escritos hoje acabarão se tornando clássicos.

Mas só o passar do tempo mostraquais são as obras clássicas, aquelas que vieram para ficar, que sempre continuarão sendo lidas com interesse.

“As aventuras de Alice no País das Maravilhas”, por exemplo, foi escrito por Lewis Carroll, na Inglaterra, em 1865. Hoje ele já está traduzido para muitas outras línguas, já teve inúmeras edições em todos os países do mundo, com ilustrações e adaptações de diferentes artistas e escritores. Muita gente, mas muita gente mesmo, já leu ou pelo menos já ouviu falar nesta obra. E tem mais: também muitas pessoas já escreveram sobre este livro e seu autor.

Portanto, você tem nas mãos um clássico. Certamente depois que você o ler vai entender por que uma obra como esta desperta tanto interesse e tem vida tão longa.

Elias José

O autor e sua obra

Uma viagem com Alice ao País das Maravilhas

Prepare-se para uma viagem: ponha asas na cabeça e penetre, com Alice, no País das Maravilhas — maravilhas mesmo, dessas de arrepiar, fazer rir, pensar, se divertir e, sobretudo, fantasiar. E olhe que companhia melhor é impossível. Alice é a personagem mais indicada para levar alguém ao país do sonho, do faz-de-conta, do fantástico, do maravilhoso, do mágico – mágico mesmo, com doiduras como aquelas que você gosta de ver no circo.

"As Aventuras de Alice no País das Maravilhas" não foi escrito para ensinar nem informar nada. O que o autor deste livro pretendia, então? Pretendia contar uma história, uma história que fizesse o leitor se emocionar, rir, pensar, envolver-se, viajar pelo País das Maravilhas. Para isso, ele usou uma linguagem brincalhona, cheia de significados.

Em Alice, o que conta é o imaginário, o inventado, o que não está ligado à realidade do cotidiano. O autor, o inglês Charles Lutwidge, era professor de matemática. Ele publicou o livro com o pseudônimo de Lewis Carroll (pseudônimo é um nome falso, imaginário). Ao escrever sua história, Lewis Carroll partiu do mundo real. Alice, uma menina de 10 anos que ele conheceu, chamou sua atenção pela inquietação, pela alegria e pela facilidade de inventar moda. O autor, então, começou a brincar com as palavras para diverti-la. Dessa brincadeira ele logo passou à construção do livro.

Criou fantasiando, com a imaginação toda solta e livre. Ele queria fazer arte com as palavras — isso é literatura.

Alice, ao entrar no País das Maravilhas, que fica no mais fundo do fundo poço, vive situações absurdas. Até o seu corpo muda fisicamente, ora se tornando minúsculo, ora imensamente alto. E convive com os animais e objetos que ganham vida e tomam atitudes quase humanas, pois falam e pensam, riem e sofrem.

Esta obra tem quase um século e meio. É muita coisa, não acha? Saiba que, depois de sua primeira publicação, demorou muito pouco para ela atingir o sucesso

mundial. Este texto foi condensado pelo escritor e ilustrador inglês Tony Ross. A tradução para o português é de Ricardo Gouveia. Foi considerada tão boa que recebeu o prêmio de Livro Altamente Recomendável, na categoria tradução, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 2001.

Agora você já pode embarcar na leitura deste clássico. E boa viagem!

Elias José

Lewis Carrol nasceu em 1832, em Daresbury, Cheshire, na Inglaterra.

Estudou e ensinou matemática. Morreu com 66 anos. Suas obras “As aventuras de Alice no País das Maravilhas” e “Do outro lado do espelho” tornaram-se conhecidas no mundo todo, onde continuam sendo publicadas, lidas e apreciadas, por crianças e adultos, por isso são consideradas obras clássicas da literatura universal.

Tony Ross nasceu em Londres, em 10 de agosto de 1938. É consagrado autor e ilustrador de livros para crianças, com mais de 200 títulos publicados. Condensou esta obra, garantindo toda a beleza da história original.

Ricardo Gouveia nasceu em São Paulo (Capital), em 1º de janeiro de 1942. É escritor, jornalista e tradutor. Seu livro, “A ordem dos futuros”, obteve o prêmio APCA 1993.

Sumário

1. Na toca do Coelho
2. A lagoa de lágrimas
3. Uma corrida política e uma história de cabo a rabo
4. O Coelho envia um pequeno emissário
5. Conselhos de um Bicho-da-Seda
6. Porco e pimenta
7. Um chá muito louco
8. O campo de croquê da Rainha
9. A história da Tartaruga de Imitação
10. A quadrilha das lagostas
11. Quem roubou as tortas?
12. O depoimento de Alice
Glossário

1. Na toca do coelho

Alice estava começando a se cansar de ficar ali sentada no barranco ao lado da irmã, sem nada para fazer. Estava tentando decidir (do melhor jeito possível, pois o calor daquele dia a fazia sentir-se muito sonolenta) se tecer uma grinalda de margaridas valeria o esforço quando, de repente, um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela.

Alice não viu nada de extraordinário nisso, nem em

ouvir o Coelho dizendo para si mesmo:

— Pobre de mim! Pobre de mim! Vou chegar atrasado!

Porém, quando o Coelho realmente tirou um relógio do bolso do colete, olhou as horas e seguiu caminho apressado, Alice ergueu-se de um pulo, ardendo de curiosidade.

Ela saiu correndo atrás dele pelo campo afora, alcançando-o bem a tempo de vê-lo pular para dentro de uma grande toca embaixo da sebe.

E lá se foi Alice atrás dele, sem nem sequer pensar em como faria para sair de lá depois. A toca do coelho se prolongava direto em frente por uma certa distância, e depois despencava tão subitamente que Alice viu-se caindo por um poço profundo.

Ela estava caindo muito devagar, assim teve tempo de sobra durante a queda para olhar em volta. Os lados do poço estavam cheios de armários e prateleiras; aqui e ali, viu mapas e gravuras pendurados em pregos.

Caindo, caindo, caindo. Será que aquela queda não iria acabar nunca?

— Quantos quilômetros será que eu já caí até agora? — disse em voz alta. — Devo estar chegando perto do centro da Terra. Gostaria de saber se vou passar direto através da Terra! Como seria engraçado se eu fosse sair bem no meio daquelas pessoas que andam de cabeça para baixo! Teria de perguntar a eles: "Por favor, aqui é a Nova Zelândia ou a Austrália?"

Caindo, caindo, caindo. Como não havia mais nada para fazer, Alice continuou falando:

— Acho que Dinah vai sentir falta de mim esta noite! — Dinah era o nome da gata. — Dinah, minha querida, gostaria que você estivesse comigo. Acho que, infelizmente, aqui não existem camundongos, mas você poderia caçar um morcego. — Alice começou a ficar um tanto sonolenta, e continuou:

— Gatos comem morcegos? Morcegos comem gatos?

Já estava quase adormecendo quando caiu com um ruído surdo em cima de uma pilha de gravetos e folhas secas. A queda terminara. Diante dela, estava outra comprida passagem, e ainda dava para avistar o Coelho Branco correndo por ela. Alice foi atrás dele, bem a tempo de ouvi-lo dizer:

— Ai, minhas orelhas, ai, meus bigodes, como está ficando tarde!

Ela dobrou uma esquina e viu-se de repente em um salão comprido e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas que pendiam do teto. O Coelho Branco não estava em lugar algum.

Havia portas por toda a volta do salão, mas estavam trancadas, e Alice foi tristemente até o meio, perguntando-se como haveria de sair dali.

De repente, deu com uma mesinha de três pés, feita de vidro. Sobre ela

havia uma pequenina chave de ouro.

A primeira coisa que veio à cabeça de Alice foi que devia servir em uma das portas do salão, mas era pequena demais.

Porém, atrás de uma cortina, havia uma portinha com cerca de quarenta centímetros de altura. Experimentou a chavezinha de ouro e, para sua grande alegria, ela serviu.

A porta levava a uma pequena passagem, não muito maior do que um buraco de rato; ela olhou através da passagem e viu o mais adorável dos jardins. Que vontade tinha de passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes fresquinhas! Mas não conseguia passar nem mesmo a cabeça pela porta.

Parecia inútil tentar, assim ela voltou para a mesa, meio esperando encontrar outra chave. Desta vez, encontrou uma garrafinha, e amarrada ao gargalo havia uma etiqueta de papel com as palavras "BEBA-ME" elegantemente impressas em letras graúdas.

Era muito fácil dizer "Beba-me", mas a espertinha da Alice é que não iria fazer isso às pressas. — Não, primeiro vou olhar — disse ela — para ver se está ou não escrito "veneno". — Pois já tinha lido diversas historinhas sobre crianças que se queimaram; e se você beber de uma garrafa na qual está escrito "veneno" é certeza que vai fazer mal, mais cedo ou mais tarde.

Contudo, naquela garrafa não estava escrito "veneno", portanto Alice experimentou e, achando muito gostoso (o sabor era uma espécie de mistura de pudim com peru), acabou com tudo.

— Que curiosa sensação! — disse Alice. — Devo estar me fechando como um telescópio.

E assim era, de fato: ela agora estava com apenas vinte e cinco centímetros de altura, o tamanho exato para passar pela portinha. Quando chegou até ela, no entanto, descobriu que tinha esquecido a chavezinha; e, quando voltou à mesa para pegá-la, pôde vê-la através do vidro, mas não era possível alcançá-la. Tentou escalar uma das pernas da mesa, mas era muito escorregadia; e, quando cansou de tentar, sentou-se no chão e começou a chorar.

De repente, seu olhar recaiu sobre uma caixinha de vidro que estava embaixo da mesa; abriu-a e encontrou lá um bolo pequenino, sobre o qual as

palavras "COMA-ME" estavam lindamente desenhadas com groselhas.

— Bem, vou comê-lo — disse Alice. — Se ele me fizer ficar maior, poderei alcançar a chave, e, se me fizer ficar menor, poderei me arrastar por baixo da porta; assim, de um jeito ou de outro, entrarei no jardim.

Comeu um pedacinho, e ficou muito surpresa ao descobrir que continuava do mesmo tamanho, e assim ela comeu o bolo inteiro.

2. A lagoa de lágrimas

— Estranhosíssimo, estranhosíssimo! — exclamou Alice.

Ela estava tão surpresa que, por um momento, até esqueceu como se fala direito. — Agora estou esticando como se fosse um telescópio! Adeus, meus pés! — Pois, ao baixar os olhos, seus pés lhe pareceram estar muito longe, quase a perder de vista. — Quem será que vai calçar os seus sapatos agora? Vocês vão ter de se arranjar o melhor que puderem sozinhos.

Bem nesse momento, sua cabeça bateu no teto do salão: de fato, ela estava agora com bem mais de três metros de altura. Pegou outra vez a chavezinha de ouro e precipitou-se para a porta do jardim.

Pobre Alice! Tudo o que podia fazer era deitar-se no chão e olhar para o jardim; de atravessar para lá, não havia esperança.

Ela sentou-se e começou a chorar de novo.

— Você devia ter vergonha de si mesma — disse ela. — ficar chorando desse jeito! Pare agora mesmo! — Mas continuou chorando, derramando lágrimas aos litros, até que se formou uma grande lagoa à sua volta, com uns dez centímetros de profundidade e se alastrando até o meio do salão.

Depois de algum tempo, ouviu o som de passinhos a distância. Era o Coelho Branco, com um par de luvas brancas de pelica em uma das mãos e um grande leque na outra; vinha muito afobado, murmurando consigo mesmo:

— Ai, a Duquesa, a Duquesa! Ai! Eu a deixei esperando!

Alice estava disposta a pedir ajuda a qualquer um; assim, começou a dizer timidamente:

— Por favor, senhor...

O Coelho levou um susto, deixou cair as luvas e o leque e escapuliu para a escuridão o mais depressa que pôde.

Alice apanhou o leque e as luvas e, como o salão estava muito quente, ficou se abanando sem parar enquanto continuava falando:

— Que coisa, que coisa! Como tudo está esquisito hoje! Gostaria de saber o que mudou no meio da noite! Quem será que sou eu? — E começou a relembrar todas as crianças que conhecia.

— Não sou Ada — disse. — O cabelo dela tem cachinhos, e o meu não tem; com certeza, não posso ser Mabel, pois sei todo tipo de coisas e ela sabe muito pouco. Vou ver se ainda sei tudo o que sabia antes. Vejamos: quatro vezes cinco são doze, e quatro vezes seis são... Ora bolas, vamos tentar a Geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma... Não, está tudo errado. Eu devo ter me transformado na Mabel! Vou tentar recitar "A Abelinha Diligente". Cruzou as mãos no colo e começou, mas as palavras não saíram do jeito que costumavam sair:

O filhote do crocodilo
Dá lustro à cauda pesada
Derramando as águas do Nilo
Em cada escama dourada!

Alegre, parece sorrir
Aos peixinhos e, saudando,
Convida-os: "Aqui, podem vir",
A bocarra escancarando!

— Tenho certeza de que estas não são as palavras certas — disse a pobre Alice, e seus olhos foram ficando marejados de lágrimas enquanto continuava: — Eu devo ser a Mabel, afinal!

Dizendo isso, ela surpreendeu-se ao ver que tinha calçado uma das luvas do Coelho. "Como é “possível” que eu tenha feito isso?", pensou ela. "Devo estar diminuindo outra vez." Ela estava agora com uns sete centímetros de altura, e

encolhendo rapidamente; logo descobriu que a causa era o leque que estava segurando, e largou-o, bem a tempo de evitar que encolhesse até sumir de todo.

— Desta vez escapei por um triz! — disse Alice. — E, agora, ao jardim! — Ela correu de volta à portinha. Mas, ó azar! Ela estava fechada de novo, e a chavezinha de ouro estava sobre a mesa de vidro, como antes. "E as coisas estão piores do que nunca", pensou ela, "pois eu nunca estive assim tão pequena antes!"

Ao pronunciar essas palavras seu pé escorregou e... tchibum!

Ela viu-se mergulhada em água salgada até o queixo. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que caíra no mar; contudo, logo percebeu que estava em uma lagoa de lágrimas que ela mesma havia derramado quando estava com três metros de altura.

— Gostaria de não ter chorado tanto! — disse Alice enquanto nadava, procurando uma saída. Neste momento, ouviu alguma coisa chapinhando na água; de início, achou que devia ser um hipopótamo, mas então lembrou-se de como estava pequena agora, e viu que era apenas um camundongo, que escorregara lá para dentro, como ela.

"Será que adiantaria alguma coisa", pensou Alice "falar com esse rato?" Assim, ela começou:

— Ó Rato, você sabe como se sai desta lagoa?

O Rato olhou para ela e pareceu piscar com um de seus olhinhos, mas não disse nada.

"Talvez ele seja um rato francês, e não entenda a língua", pensou Alice, e assim começou de novo:

— “Où est ma chatte”? — esta era a primeira sentença no seu livro de francês.

O Rato deu um salto repentino para fora da água e começou a tremer de medo.

— Oh, me perdoe! — exclamou Alice. — Eu tinha esquecido que você não gosta de gatos.

— Não gosto de gatos! — gritou o Rato. — Você gostaria de gatos se fosse eu?

— Bem, talvez não — disse Alice num tom apaziguador.

— Mesmo assim, eu gostaria de poder mostrar a você nossa gata, Dinah. Ela é tão queridinha. E fica ronronando tão bonitinho perto da lareira, e é tão boa caçadora de ratos... Oh, me perdoe! — O Rato ficara com o pêlo todo arrepiado. — Nós não vamos mais falar sobre ela.

— Nós, realmente! — exclamou o Rato, que estava tremendo até a pontinha da cauda. — Como se eu fosse falar de um assunto desses! Nossa família sempre odiou os gatos, essas criaturas torpes, vulgares!

Alice apressou-se a mudar de assunto:

— Você gosta de cachorros? Tem um cachorrinho tão simpático lá perto de casa, gostaria de mostrá-lo a você! É um pequeno "terrier" de olhinhos brilhantes, com pêlo marrom e comprido! Ele vai buscar as coisas que você joga para ele. Pertence a um fazendeiro, e ele diz que o cachorro mata todos os ratos e... oh, Deus!

O Rato estava nadando para longe dela o mais rápido que podia.

— Volte, por favor! — implorou ela —, não vamos mais falar de gatos, nem de cachorros.

Quando o Rato ouviu isto, fez meia-volta, nadou vagarosamente até ela e disse, numa voz baixa e trêmula:

— Vamos até a margem, e contarei minha história; aí você vai entender por que eu odeio gatos e cachorros.

Estava mais que na hora de sair, pois a lagoa estava ficando congestionada com os pássaros e animais que tinham caído nela: havia um Pato e um Dodo, um Papagaio e uma Águia, e diversas outras curiosas criaturas. Com Alice à frente, o grupo inteiro nadou para a margem.

3. Uma corrida política e uma história de cabo a rabo

Era um grupo muito estranho o que se reuniu à margem do lago, todos encharcados, mal-humorados e desconsolados.

A primeira questão foi como fazer para ficarem secos de novo. O Rato, que parecia ser uma pessoa de autoridade, bradou:

— Sentem-se, todos vocês, e escutem! Em pouco tempo, vou deixar vocês

secos! — Todos se sentaram, formando um grande círculo.

— A-ham! — pigarreou o Rato. — Estão todos prontos?

Esta é a coisa mais seca que conheço. "Guilherme o Conquistador logo obteve a submissão dos ingleses, que necessitavam de líderes..."

— Ugh! — fez o Papagaio, estremecendo.

— Perdão — disse o Rato. — Você disse alguma coisa?

— Eu não! — disse o Papagaio mais que depressa.

— Pensei que tivesse dito — disse o Rato. — Prossigo.

"O arcebispo da Cantuária achou isto aconselhável..."

— Achou o quê? — perguntou o Pato.

— Achou isto — retrucou o Rato, mal-humorado. —

Acho que você sabe o que quer dizer "isto".

— Sei muito bem o que quer dizer "isto", quando encontro alguma coisa — disse o Pato. — Geralmente é uma rã, ou uma minhoca. A questão é: O que o arcebispo achou?

O Rato não tomou conhecimento da pergunta e prosseguiu:

"...achou isto aconselhável, e foi oferecer a coroa a Guilherme". — Como está se sentindo agora, meu bem? — prosseguiu ele, voltando-se para Alice.

— Tão molhada como antes — disse Alice.

— Neste caso — disse o Dodo — proponho que o conclave entre em recesso para a adoção de medidas de...

— Fale na nossa língua! — disse a Águia. — Não sei o que significam essas palavras complicadas, e duvido que você mesmo saiba!

— O que eu ia dizer — disse o Dodo em tom ofendido — é que a melhor coisa para nos deixar secos seria uma Corrida Política.

— O que é uma Corrida Política? — perguntou Alice; não que estivesse assim com tanta vontade de saber.

— Ora — disse o Dodo —, o melhor jeito de explicar é fazendo.

Primeiro, ele demarcou a pista em círculo ("a forma exata não importa", disse ele), e depois todo o grupo foi posicionado em volta dela, aqui e ali. Não havia linha de partida, mas eles começavam a correr quando bem entendiam e paravam quando bem entendiam.

Depois de meia hora, já estavam bem secos outra vez, e o Dodo gritou: — A corrida acabou! — Todos se amontoaram em volta dele, esbaforidos, perguntando: "Quem ganhou?", e o Dodo falou:

— Todo o mundo ganhou, e todo o mundo deve ganhar prêmios.

— Mas quem vai dar os prêmios? — perguntou um coro de vozes.

— Ora, “ela”, é claro — disse o Dodo, apontando um dedo para Alice.

Todo o grupo se amontoou em volta dela, gritando:

"Prêmios! Prêmios!"

Alice não tinha idéia do que fazer e, desesperada, puxou do bolso um saquinho de balas, que distribuiu a todos.

— Mas você também precisa ganhar um prêmio — disse o Rato. — O que mais você tem no bolso?

— Só um dedal — disse Alice.

— Passe para cá — disse o Dodo, e todos se amontoaram em volta dela mais uma vez enquanto o Dodo solenemente devolvia o dedal a Alice.

Estavam todos com um ar tão compenetrado que Alice fez força para não rir. Em vez disso, ela disse para o Rato:

— Você prometeu contar a sua história, está lembrado?

— É longo e triste o meu relato! — disse o Rato, suspirando. — Mas, mesmo assim, vou contar de cabo a rabo.

— O rabo é mesmo longo! — disse Alice, olhando para a cauda do Rato. — Mas por que chamá-lo de triste? – Ela ficou matutando sobre aquilo enquanto o Rato falava, e assim sua idéia de como era a história de cabo a rabo ficou sendo algo mais ou menos assim:

Fúria disse
para um rato,
Que ele encontrou
pelo olfato:
"Vamos logo
ao tribunal,
Que eu vou

processar
você. Não aceito
impedimento
Que adie o
julgamento;
Pois esta
manhã, de
fato, Nada
tenho pra
fazer."
Disse o
rato ao
predador:
"Julgamento
assim,

senhor,
Sem júri
ou juiz
sequer, É
desperdício
de tempo."
"Serei
o júri e
o juiz,"
Disse
Fúria
bem
feliz;
"julgarei
sozinho
a causa,

E à

morte

o condenarei"

— Você não está prestando atenção! — disse o Rato, levantando-se e indo embora.

— Eu sinto muito — disse Alice. — Por favor, volte e acabe a sua história.

Mas o Rato só balançou a cabeça, impaciente, e apressou um pouco o passo.

— Que pena que ele não quis ficar! — disse o Papagaio.

— Eu bem que gostaria que Dinah estivesse aqui – disse Alice. — Ela logo o traria de volta!

— E quem é Dinah? — perguntou o Papagaio.

— A nossa gata — respondeu Alice. — Ela é formidável para caçar ratos. Ah, e eu queria muito que vocês a vissem perseguindo passarinhos! Ela é capaz de devorar um passarinho assim que o vê!

Aquilo causou uma extraordinária comoção em todo o grupo.

Alguns pássaros retiraram-se imediatamente. Uma velha gralha começou a agasalhar-se, comentando:

— Preciso mesmo ir para casa. O sereno da noite não é bom para a minha garganta!

Logo, Alice ficou sozinha.

— Eu gostaria de não ter falado na Dinah! — disse ela consigo mesma, e começou a chorar outra vez, sentindo-se muito só e deprimida.

Logo, porém, começou a ouvir o som de passinhos a distância e ergueu os olhos, esperando que fosse o Rato voltando para terminar sua história.

4. O coelho envia um pequeno emissário

Era o Coelho Branco, saltitando de volta devagar e olhando aflito de um lado para outro. Alice ouviu-o balbuciar consigo mesmo:

— A Duquesa! A Duquesa! Ai, minhas patinhas queridas! Ai, meu pêlo e

meus bigodes! Ela vai mandar me executar! “Onde” posso tê-los deixado cair?

Alice adivinhou que ele estava procurando o leque e o par de luvas brancas, que não estavam em lugar algum.

Logo o Coelho reparou em Alice e chamou-a com voz irritada: — Ora essa, Mary Ann, o que você está fazendo aqui fora? Vá correndo até em casa, agora mesmo, e traga-me um par de luvas e um leque! Rápido, agora!

Alice estava tão assustada que saiu correndo imediatamente na direção apontada.

— Ele me confundiu com a criada — disse ela para si mesma, enquanto corria. — É melhor eu encontrar o leque e as luvas. — Estava dizendo isso quando chegou a uma casinha simples e jeitosa, em cuja porta estava o nome "C. BRANCO". Entrou sem bater e subiu as escadas correndo.

Encontrou lá um quartinho muito bem arrumado, com uma mesa junto à janela, e sobre ela um leque e dois ou três pares de pequeninas luvas de pelica branca. Ela pegou o leque e um par de luvas e estava quase saindo quando bateu os olhos em uma garrafinha. Não havia etiqueta dizendo "BEBA-ME", mas ela tirou a rolha e levou a garrafa aos lábios. "Eu sei que “alguma coisa” de interessante certamente vai acontecer", disse para si mesma.

De fato aconteceu, e muito mais cedo do que ela esperava: antes de ter bebido metade da garrafa, já sentiu a cabeça fazendo pressão contra o teto. Mais que depressa pôs a garrafa no chão, dizendo para si mesma:

— Já basta. Não posso mais passar pela porta! – Ela continuou crescendo, e logo teve de ficar deitada com um braço para fora da janela e um pé enfiado pela chaminé acima.

Para sorte de Alice, o efeito da garrafinha mágica já tinha chegado ao máximo, e ela parou de crescer; mesmo assim, era um tanto desconfortável. "Era muito mais agradável lá em casa", pensou a pobre Alice, "quando não se ficava o tempo todo crescendo e diminuindo, e recebendo ordens de coelhos.

Quase chego a desejar que não tivesse entrado naquela toca de coelho, e no entanto..."

— Mary Ann! Mary Ann! — disse uma voz. — Traga as minhas luvas agora mesmo!

Alice sabia que era o Coelho, e começou a tremer, esquecida de que era agora umas mil vezes maior do que ele, e não tinha razão para temê-lo.

O Coelho tentou abrir a porta, mas o cotovelo de Alice estava pressionado contra ela, e a tentativa fracassou.

Então ouviu o Coelho logo abaixo da janela: ela abriu a mão de repente e fechou de novo no ar. Ouviu um gritinho, o ruído de uma queda e vidros se quebrando, donde concluiu que ele tinha caído em cima de uma estufa de pepinos.

Logo em seguida veio uma voz irada, a voz do Coelho:

— Pat! Pat! Onde está você?

— Aqui! — disse outra voz. — Cavando a terra para tirar maçãs, Excelência!

— Para tirar maçãs, francamente! — disse o Coelho, furioso.

— Venha cá, e ajude-me a sair desta coisa! (Mais sons de vidro quebrando.)

— Diga-me agora, Pat, o que é aquilo na janela?

— É um braço, Excelência.

— Ora, um braço, seu ganso! Quem já viu um braço desse tamanho? Tire-o de lá!

Alice esperou algum tempo sem ouvir mais nada; afinal, veio o ruído das rodas de uma carreta e o som de diversas vozes: "Onde está a outra escada". "Ora, eu só trouxe uma. A outra está com Bill." "Bill! Traga para cá!" "Amarre primeiro uma na outra." "Será que o telhado vai agüentar?" "Quem vai descer pela chaminé?" "Eu é que não vou!" "Bill vai ter de descer. Aqui, Bill!"

— Ah, então é o Bill que vai ter de descer pela chaminé, não é? — disse Alice para si mesma. — Esta lareira é estreita, mas posso dar um chutezinho!

Ela aguardou até que ouviu um pequeno animal se arrastando pela chaminé; então, dizendo para si mesma "Este é o Bill", aplicou um valente pontapé e esperou para ver o que ia acontecer.

A primeira coisa que ouviu foi um coro gritando "Lá vai o Bill!". Depois, silêncio, e depois outra confusão de vozes: "Levantem a cabeça dele." "Agora um pouco de conhaque." "Não vão sufocá-lo!" "Como foi, amigão?"

Por fim ouviu-se uma vozinha guinchando fracamente: — Tudo o que sei é que alguma coisa veio para cima de mim como um boneco de mola, e lá fui eu pelos céus, feito um rojão!

— E foi mesmo! — disseram os outros.

— Precisamos tocar fogo na casa — disse a voz do Coelho.

Alice bradou o mais alto que pôde: — Se fizerem isso, isco a Dinah em cima de vocês!

Houve um silêncio mortal. Após um minuto ou dois, uma chuva de pedregulhos começou a matraquear na janela, e algumas atingiram Alice no rosto. Ela notou, com uma certa surpresa, que os pedregulhos estavam todos se transformando em pequenos bolos espalhados pelo chão.

"Se eu comer um desses bolos", pensou ela, "certamente mudarei de tamanho." Ela então devorou um dos bolos e ficou encantada ao perceber que começara a encolher.

Assim que ficou suficientemente pequena, saiu correndo da casa e encontrou uma verdadeira multidão de pequenos animais e aves esperando do lado de fora. O pobre do pequeno lagarto, Bill, estava sendo amparado por dois porquinhos-da-índia, que lhe davam algo para beber de uma garrafa. Eles todos investiram contra Alice, mas ela escapou correndo o mais que podia, e logo viu-se a salvo no meio de um espesso bosque.

Havia um grande cogumelo perto dela, mais ou menos da sua altura. Quando se pôs na ponta dos pés e espiou por cima da beirada do cogumelo, seus olhos encontraram os de um grande Bicho-da-Seda azul. Estava sentado no topo, fumando tranqüilamente um narguilé, sem prestar a menor atenção nela ou em qualquer outra coisa.

5. Conselhos de um Bicho-da-Seda

O Bicho-da-Seda e Alice ficaram olhando um para o outro em silêncio durante algum tempo. Afinal, o Bicho-da-Seda falou.

— Quem é “você”? — perguntou ele com voz sonolenta.

— Eu nem sei direito, senhor. Devo ter mudado uma porção de vezes desde que me levantei, hoje de manhã. Isso é de deixar a gente muito confusa.

— Não é, não — disse o Bicho-da-Seda.

— Bem, talvez o senhor ainda não tenha passado por isso — disse Alice —, mas quando tiver de se transformar numa borboleta acho que vai se sentir meio esquisito.

— Nem um pouquinho — disse o Bicho-da-Seda.

— Eu me sentiria muito esquisita — disse Alice.

— Você! — disse o Bicho-da-Seda com desdém. — Quem é “você”?

Alice ficou irritada com aquilo e disse:

— Acho que antes “o senhor” deveria me dizer quem é.

— Por quê? — perguntou o Bicho-da-Seda.

Alice não conseguiu pensar em uma boa razão.

Durante alguns minutos, o Bicho-da-Seda ficou soltando baforadas sem falar nada. Por fim, descruzou os braços e disse:

— Então você acha que mudou, não é?

— Receio que sim, senhor — disse Alice. — Não me lembro mais das coisas como antes. Tentei recitar "A Abelhinha Diligente", mas saiu tudo de outro jeito.

— Recite "Estás Velho, Pai Guilherme" — disse o Bicho-da-Seda.

Alice juntou as mãos e começou:

"Estás velho, Pai Guilherme",
disse o rapaz,
"E de cabelos brancos também;
Mas plantar bananeira assim
mesmo te apraz!
Na tua idade, isto fica bem?"

Disse o pai: "Quando era jovem,
assim fazia
Mas temia danos cerebrais;
Hoje, já sei que tenho
a cabeça vazia,
E faço isto, é claro,

Ainda mais!"

"Estás velho", o rapaz repetiu,
insistente,
"E gordo como jamais vi;
Mas deste dois saltos mortais
junto ao batente!
Por que fazer isto, e justo
ali?"

"Quando jovem", cachos ao
vento, o sábio disse,
"Mantive os membros em forma
usando
O ungüento barato que vendo
na velhice:
Vai logo um par de caixas
comprando!"

"Estás velho", disse o rapaz,
"tens dentes fracos,
Nem banha mastigas, que
tristeza!
Mas comeste um ganso com bico
e tudo, aos nacos!
Como conseguiste tal proeza?"

"Quando Jovem", disse o pai,
"causas defendi,
E discuti com minha mulher;
Minhas mandíbulas assim
desenvolvi

E posso comer o que quiser!"

"Estás velho", disse o rapaz,"
e eu não diria
Que enxergas tudo perfeita-
mente;
Mas, em teu nariz, equilibras
uma enguia!
O que te fez assim compe-
tente?"

"Basta, já dei três respostas!
Não mais te escuto",
Disse o pai. "Não sejas
arrogante!
Não tenho o dia a perder! Cai
fora ou te chuto
Pela escada abaixo neste
instante!"

— Está errado do começo até o fim — disse o Bicho-da-Seda, com firmeza. Houve outro silêncio. — De que tamanho você quer ser?

— Eu gostaria de ser um pouquinho maior, senhor — disse Alice. — Oito centímetros é uma altura tão insignificante!

— É uma altura muito boa! — disse encolerizado o Bicho-da-Seda, endireitando o corpo ao falar (ele tinha exatamente oito centímetros de altura).

"Gostaria que essas criaturas não se ofendessem com tanta facilidade", pensou Alice.

O Bicho-da-Seda bocejou, desceu do cogumelo e saiu rastejando pela grama.

— Um lado a fará crescer, o outro a fará diminuir — observou ele. Um momento depois, havia desaparecido de vista.

Alice ficou olhando para o cogumelo, tentando descobrir quais eram os dois lados, pois ele era perfeitamente redondo. Ela esticou os braços em volta do cogumelo e arrancou um pedaço da beirada com cada mão. E agora, qual seria qual?

Mordiscou o pedaço da direita e, um instante depois, sentiu uma pancada violenta no queixo: ele tinha batido nos pés. Ela ficou assustada com isso, pois seu queixo estava tão apertado contra os pés que quase não dava para abrir a boca; mas acabou conseguindo, deu uma mordida no pedaço da esquerda e engoliu.

— Até que enfim minha cabeça está livre! — disse Alice.

Sua alegria se transformou em susto quando percebeu que seus ombros não estavam em lugar algum; tudo que podia ver era um pescoço interminável que parecia erguer-se como um caule do mar de folhas verdes que avistava muito lá embaixo. Ficou satisfeita ao descobrir que podia mover o pescoço com facilidade em qualquer direção. Tinha acabado de curvá-lo para baixo, quando um silvo agudo a fez recuar bem depressa. Uma grande pomba voara de encontro ao seu rosto.

— Serpente! — gritou a Pomba.

— Não sou uma serpente! — disse Alice.

— Serpente! — repetiu a Pomba. — Tentei de todos os jeitos, mas nada parece adiantar contra elas. Tentei ribanceiras, tentei sebes, mas não há meio de contentá-las!

— Não tenho a menor idéia do que você está falando — disse Alice.

— Como se eu não tivesse problemas que cheguem para chocar os ovos — disse a Pomba —, ainda tenho de ficar alerta às serpentes, dia e noite. E agora elas descem coleando do céu. Ugh! Serpentes!

— Mas eu não sou uma serpente — disse Alice. — Eu sou uma menininha.

— Uma bela história! — disse a Pomba. — Nunca vi uma menininha com um pescoço desses! Não e não! Você é uma serpente, e não adianta negar. Só falta me dizer agora que nunca provou um ovo!

— Eu provei muitos ovos, com certeza — admitiu Alice.

— Então você é uma espécie de serpente. Dê o fora! — disse a Pomba mal-humorada, acomodando-se no seu ninho. Alice abaixou-se no meio das árvores o melhor que pôde, o pescoço enroscando-se nos galhos, e começou a mordiscar os pedaços de cogumelo.

Quando voltou ao seu tamanho normal, seguiu caminho até encontrar uma casinha, que tinha pouco mais de um metro de altura. "Sejam quem forem as pessoas que moram aí", pensou Alice, "ficariam tão apavoradas com esse meu tamanho, que perderiam o juízo!" Começou então a mordiscar de novo o pedaço da direita e não se aproximou da casa enquanto não diminuiu até ficar com um palmo de altura.

6. Porco e pimenta

Ela estava ali parada fazia um ou dois minutos, olhando para a casa.

De repente, um lacaio saiu corrrendo do bosque (ele parecia um lacaio porque estava de libré; se não fosse isso, pareceria um peixe) e bateu na porta ruidosamente. Ela foi aberta por outro lacaio, de cara redonda e olhos grandes, como uma rã.

O Lacaio-Peixe apresentou ao outro uma grande carta, quase tão grande quanto ele próprio, a qual entregou dizendo:

— Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar croquê.

Os dois fizeram uma reverência profunda, e seus cachos se embaraçaram uns nos outros.

Alice deu tanta risada que precisou correr de volta para o bosque. Quando voltou para dar uma espiada, o Lacaio-Peixe já tinha ido embora e o outro estava olhando abobado para o céu.

Alice aproximou-se timidamente da porta e bateu.

— Não adianta nada bater — disse o Lacaio —, e por duas razões. Primeiro, porque eu estou do mesmo lado da porta que você. Segundo, porque estão fazendo tanto barulho lá dentro que seria impossível ouvir.

Certamente havia um barulho extraordinário lá dentro, uivos e espirros, e pratos se espatifando.

— Então, como faço para entrar? — perguntou Alice.

— E você precisa mesmo entrar? — disse o Lacaio.

Neste momento a porta da casa se abriu e uma grande travessa veio

rodopiando pelo ar, roçando o nariz do Lacaio. Alice aproveitou e foi entrando.

A porta levava a uma cozinha. A Duquesa estava sentada bem no meio, embalando um bebê; a cozinheira estava mexendo um grande caldeirão de sopa.

— Tem pimenta demais nessa sopa — disse Alice para si mesma, enquanto espirrava.

As únicas coisas que não estavam espirrando eram a cozinheira e um grande gato, que estava sentado perto do fogão e sorria de orelha a orelha.

— Por que o seu gato fica sorrindo desse jeito? — perguntou Alice.

— É um Gato de Cheshire — disse a Duquesa.

— Eu não sabia que os Gatos de Cheshire podiam sorrir — disse Alice.

— Todos os gatos podem — disse a Duquesa —, e a maior parte deles faz isso.

Nesse momento, a cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo e pôs-se imediatamente a arremessar tudo o que estava ao seu alcance contra a Duquesa e o bebê.

Primeiro vieram os atiçadores de brasas, e depois seguiu-se uma saraivada de panelas e pratos.

O bebê estava berrando, mas a Duquesa nem se incomodava, mesmo quando os objetos a atingiam.

— “Por favor”, cuidado com o que faz! — exclamou Alice à cozinheira, apavorada.

A Duquesa começou a cantar uma canção de ninar, sacudindo a criança violentamente ao final de cada verso:

Fale rude com seu bebê,
E dê nele quando espirra;
Pois só quer chatear você,
Pois faz isso só de birra.

Coro (ao qual se juntaram as vozes da cozinheira e do bebê):

Buá! Buá! Buá!

Enquanto cantava, a Duquesa ficou sacudindo o bebê violentamente para cima e para baixo, e o pobrezinho berrava tanto que Alice mal pôde ouvir as palavras:

Falo brava com meu garoto
E quando espirra dou nele;
Pois gosta muito este maroto
De pimenta só pra ele!
Buá! Buá! Buá!

— Tome! Embale você um pouco — disse a Duquesa, atirando o bebê para Alice. — Preciso me aprontar para o jogo de croquê com a Rainha.

O pobrezinho estava resfolegando como uma locomotiva a vapor quando ela o agarrou, e se contorcia, dobrando e esticando o corpo. Alice olhou muito preocupada para a cara dele. Tinha um nariz um tanto arrebitado, mais parecia um focinho, e os olhos estavam ficando exageradamente pequenos para um bebê. Então ele grunhiu tão violentamente que não havia engano possível: não era nada mais, nada menos que um porco. Assim, pôs a pequena criatura no chão, e ela saiu trotando tranqüilamente para dentro do bosque.

"Se tivesse crescido mais", disse ela para si mesma, "teria sido uma criança assustadoramente feia; mas até que é um porco bem vistoso." E Alice estava pensando em outras crianças que conhecia, que poderiam se dar muito bem como porquinhos, quando foi surpreendida ao ver o Gato de Cheshire sentado num galho de árvore a poucos metros de distância. O Gato sorriu quando viu Alice.

— Gatinho de Cheshire — começou ela, timidamente. — Para que lado devo ir para sair daqui?

— Depende muito de aonde você quer chegar — disse o Gato.

— Não me importa muito aonde... — disse Alice.

— Então não importa para que lado você vai — disse o Gato.

— ... desde que chegue a algum lugar — acrescentou Alice.

— Ah, mas isso você com certeza vai conseguir — disse o Gato.

Alice tentou outra pergunta:

— Que tipo de gente mora por aqui?

Disse o Gato, acenando com a pata direita:

— Naquela direção mora um Chapeleiro. E para lá — prosseguiu, acenando com a outra pata — mora a Lebre de Março. Os dois são loucos. Vai jogar croquê com a Rainha hoje?

— Gostaria muito — disse Alice.

— Você me encontrará lá — disse o Gato, e desapareceu.

Enquanto Alice estava ainda olhando para o lugar onde tinha estado o Gato, ele reapareceu de repente: — A propósito, o que foi feito do bebê?

— Ele se transformou num leitão.

— Bem que eu achei que isso ia acontecer — disse o Gato, e desapareceu novamente.

Alice seguiu caminhada na direção onde, segundo ele morava a Lebre de Março. Quando ergueu os olhos, lá estava o Gato outra vez.

— Você disse "leitão" ou "sultão"? — perguntou o Gato.

— Eu disse "leitão" — disse Alice.

— Está bem — disse o Gato. E, desta vez, ele desapareceu bem devagarinho, começando pela pontinha do rabo e acabando pelo sorriso.

"Bem, já vi muitos gatos sem sorriso", pensou Alice, "mas nunca um sorriso sem gato."

Ela seguiu caminhando até chegar à casa da Lebre de Março. A casa tinha de ser aquela, pois as chaminés eram em forma de orelhas.

7. Um chá muito louco

Havia uma mesa posta sob uma árvore, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá. Um Rato do Campo estava sentado entre eles, profundamente adormecido, e os outros dois descansavam os cotovelos em cima dele.

A mesa era grande, mas os três estavam amontoados num dos cantos.

— Não tem lugar! Não tem lugar! — gritaram eles quando viram Alice.

— Tem lugar de sobra! — disse Alice, sentando-se em uma grande cadeira de braços.

— Sirva-se de um pouco de vinho — disse a Lebre de Março.

Alice correu os olhos por toda a mesa, mas ali não havia nada a não ser chá.

— Não estou vendo vinho nenhum — observou.

— Não há mesmo vinho nenhum — disse a Lebre de Março.

— Então, não foi muito educado da sua parte oferecer — disse Alice.

— Não foi muito educado da sua parte sentar sem ter sido convidada — disse a Lebre de Março.

— Por que um corvo é parecido com uma escrivaninha? — interrompeu o Chapeleiro.

"Adivinhas. Agora vamos nos divertir um pouco!", pensou Alice. — Penso que esta eu posso matar — acrescentou em voz alta.

— Você quer dizer que pensa que é capaz de encontrar a resposta? — perguntou a Lebre de Março.

— Exatamente — disse Alice.

— Então, você precisa dizer o que pensa — continuou a Lebre de Março.

— Eu sempre digo — retrucou Alice, apressadamente. — Pelo menos penso o que digo. É a mesma coisa.

— Não é — disse o Chapeleiro. — Você também poderia dizer que "vejo aquilo que como" é o mesmo que dizer "como aquilo que vejo". Que dia do mês é hoje?

Alice pensou um pouco e disse:

— Hoje é dia quatro.

O Chapeleiro tirou o relógio do bolso e sacudiu-o, irritado.

— Dois dias atrasado! — suspirou ele. — Bem que eu lhe disse que passar manteiga no mecanismo não era uma boa idéia — acrescentou, olhando para a Lebre de Março.

A Lebre de Março pegou o relógio, mergulhou-o em sua xícara de chá e olhou lugubremente para ele.

— Era “a melhor” das manteigas — disse ela.

— Que relógio engraçado! — observou Alice. — Ele mostra o dia do mês,

mas não mostra que horas são!

— E por que deveria? — resmungou o Chapeleiro. — O “seu” relógio mostra em que ano estamos? Você já sabe a resposta para a adivinha?

— Não — respondeu Alice. — Qual é a resposta?

— Não tenho a menor idéia — disse o Chapeleiro.

Alice deu um suspiro de cansaço.

— Acho que você devia achar coisa melhor para ocupar o seu tempo — disse ela —, em vez de desperdiçá-lo com adivinhas que não têm resposta.

— Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu — disse o Chapeleiro —, não ficaria falando em desperdiçá-lo. Se você tivesse um bom relacionamento com ele, ele poderia fazer quase tudo o que você quisesse. Por exemplo, imagine que são nove horas da manhã, bem na hora de começarem as aulas: você só teria de sugerir ao Tempo num sussurro, e os ponteiros do relógio girariam para a frente num piscar de olhos! Uma e meia, hora do almoço!

— É assim que “você” faz? — perguntou Alice.

O Chapeleiro balançou a cabeça, lamentoso:

— Não. Tivemos uma briga em março último, logo antes de “ela” ficar louca — e ele apontou a Lebre de Março com a colher. — Foi no grande concerto oferecido pela Rainha de Copas, e eu tive de cantar:

Pisca, pisca, meu morceguinho!
Aonde voas tão sozinho?
Sobrevoas o mundo ao léu,
Qual bandeja de chá no céu.

Neste momento o Rato do Campo sacudiu-se todo e começou a cantar dormindo:

"Pisca, pisca..." Tiveram de dar-lhe um beliscão, para fazê-lo parar.

— Bem, eu mal tinha acabado o primeiro verso — disse o Chapeleiro —, quando a Rainha vociferou: "Ele está matando o tempo! Cortem a cabeça dele!" E desde então ele não faz mais nada do que eu peço! Agora são sempre seis horas em ponto.

— Sugiro que mudemos de assunto — interrompeu a Lebre de Março, bocejando. — Este já está me cansando. Proponho que o Rato do Campo nos conte uma história. Acorde, Rato do Campo! — e eles o beliscaram dos dois lados ao mesmo tempo.

O Rato do Campo abriu os olhos devagarinho.

— Conte-nos uma história! — disse a Lebre de Março. — E ande depressa com ela, antes que você adormeça de novo.

— Era uma vez três irmãzinhas — começou o Rato do Campo mais que depressa — que se chamavam Elsie, Lacie e Tillie. Elas viviam no fundo de um poço...

— Do que elas viviam? — perguntou Alice.

— Melado! — disse o Rato do Campo depois de pensar um momento. — Era um poço de melado.

— Isso não existe! — começou Alice.

— Se você não consegue ser bem-educada, é melhor terminar a história sozinha.

— Não, por favor, continue! — disse Alice.

— E assim — prosseguiu o Rato do Campo — aquelas três irmãzinhas estavam aprendendo a baldear.

— A baldear o quê? — perguntou Alice.

— Melado! — disse o Rato do Campo.

Alice não queria ofender o Rato do Campo, assim começou cautelosamente:

— Mas eu não entendo. Como você pode baldear melado?

— Você pode baldear água de um poço de água – disse o Chapeleiro —, portanto você pode baldear melado de um poço de melado. Não é, sua boboca?

O Rato do Campo, a essa altura, já tinha fechado os olhos e estava começando a cochilar; mas, levando um beliscão do Chapeleiro, acordou de novo com um gritinho.

Aquilo era mais do que Alice podia agüentar, assim ela levantou-se e foi embora.

O Rato do Campo adormeceu instantaneamente, e nenhum dos outros prestou a mínima atenção na saída de Alice. Na última vez em que os viu, estavam

tentando enfiar o Rato do Campo dentro do bule de chá.

Quando Alice já estava abrindo caminho pelo bosque, notou que havia uma porta em uma das árvores. "Isso é muito curioso!", pensou ela, e entrou.

Mais uma vez viu-se dentro do comprido salão e perto da mesinha de vidro.

Pegou a chavezinha de ouro e destrancou a porta; depois pôs-se a mordiscar o cogumelo (guardara um pedaço dele no bolso) até diminuir para uns trinta centímetros de altura. Atravessou em seguida a pequena passagem e viu-se afinal no adorável jardim, entre os alegres canteiros de flores e as fontes refrescantes.

8. O campo de croquê da rainha

Uma grande roseira crescia perto da entrada do jardim. Suas rosas eram brancas, mas três jardineiros estavam muito atarefados pintando-as de vermelho.

Alice ouviu um deles dizendo:

— Cuidado aí, Cinco! Não fique espirrando tinta em cima de mim desse jeito!

— Não pude fazer nada — disse o Cinco, mal-humorado. — O Sete esbarrou no meu cotovelo.

Com isso, o Sete ergueu os olhos e disse:

— Muito bem, Cinco! Como sempre, jogando a culpa nos outros!

— É melhor você não falar nada — disse o Cinco. — Ainda ontem ouvi a Rainha dizer que você merecia ser decapitado!

— Por quê? — perguntou o que tinha falado primeiro.

— Isso não é da sua conta, Dois! — disse o Sete.

— É da conta dele, “sim”! — disse o Cinco. — E eu vou contar para ele: foi por ter levado raízes de tulipa para a cozinheira, no lugar de cebolas.

O Sete atirou o pincel no chão. Por acaso, seu olhar recaiu sobre Alice. Os outros também olharam, e todos eles se inclinaram.

— Por que vocês estão pintando essas rosas? — perguntou Alice timidamente.

— Bem, de fato, moça —-começou o Dois, em voz baixa —, esta aqui

deveria ser uma roseira “vermelha”, e nós, por engano, plantamos uma roseira branca. Se a Rainha descobrir, nós todos seremos decapitados...

Neste instante o Cinco exclamou:

— A Rainha! A Rainha! — e os três jardineiros atiraram-se de cara no chão.

Primeiro vieram dez soldados armados com Paus: eles eram retangulares e chatos, como os jardineiros. Em seguida, vieram os cortesãos, e depois as crianças reais, saltitando de mãos dadas. Logo em seguida vieram os convidados, em sua maior parte Reis e Rainhas, e entre eles o Coelho Branco, falando e sorrindo de um jeito nervoso. Seguiu-se o Valete de Copas e, por último, vieram o Rei e a Rainha de Copas.

Quando o cortejo passou por Alice, todos pararam e olharam para ela. A Rainha disse, severamente:

— Qual é o seu nome, criança?

— Alice, Majestade — disse Alice polidamente, mas acrescentando para si mesma: "Ora, afinal não passam de um baralho de cartas. Não preciso ter medo deles!"

— E quem são esses? — perguntou a Rainha, apontando para os três jardineiros, estirados de cara no chão.

— Como eu haveria de saber? — perguntou Alice.

A Rainha ficou rubra de tão furiosa, e berrou:

— Cortem a cabeça dela!

— Baboseiras! — exclamou Alice, e a Rainha calou-se.

— Leve em consideração, meu bem — disse o Rei timidamente —, que é apenas uma criança.

A Rainha voltou-se, irada, para os jardineiros:

— Levantem-se! — disse ela com voz estridente.

Os jardineiros puseram-se em pé de um pulo e começaram a fazer reverências para todo o mundo.

— Parem com isso! — berrou a Rainha. — O que vocês estavam fazendo aqui?

— Se assim vos agrada, Majestade — disse o Dois, apoiando um joelho no chão ao falar —, nós...

— Estou “vendo”! — disse a Rainha, examinando as rosas.

— Cortem as cabeças deles!

O cortejo seguiu seu caminho, deixando para trás três soldados com a incumbência de executar os desafortunados jardineiros, que correram para junto de Alice pedindo proteção.

Alice colocou-os dentro de um grande vaso de flores.

Depois de procurar em volta por alguns minutos, os soldados saíram marchando atrás dos outros.

— As cabeças foram cortadas? — gritou a Rainha.

— As cabeças se foram, Majestade — gritaram os soldados em resposta.

— Muito bem! — gritou a Rainha, voltando-se para Alice. — Você sabe jogar croquê?

— Sim! — gritou Alice.

— Então venha! — urrou a Rainha, e Alice juntou-se ao cortejo.

Estava passando pelo Coelho Branco, que a olhava furtivamente.

— Onde está a Duquesa? — perguntou ela.

— Fale baixo! — sussurrou o Coelho. — Foi condenada à execução.

Ela esmurrou as orelhas da Rainha...

— Todos aos seus lugares! — berrou a Rainha em voz trovejante. As pessoas começaram a correr em todas as direções, e o jogo começou.

Alice não se lembrava de ter visto um campo de croquê tão esquisito como aquele em toda a sua vida: era todo cheio de elevações e valas; as bolas eram ouriços vivos e os malhos eram flamingos vivos, e os soldados tinham de encurvar os corpos para formar os arcos. A principal dificuldade que Alice encontrou foi para lidar com o seu flamingo. No momento em que se preparava para golpear o ouriço com a cabeça do flamingo, ele se contorceu todo para encará-la com uma expressão tão perplexa que ela não pôde conter as gargalhadas; e, quando conseguiu fazê-lo abaixar a cabeça de novo, o ouriço já tinha se desenroscado e se afastava rastejando.

Os participantes jogavam todos ao mesmo tempo, discutindo e brigando pelos ouriços, e a Rainha estava batendo os pés aos gritos de "Cortem a cabeça dele!" aproximadamente uma vez por minuto.

Alice estava procurando um jeito de escapar dali quando notou uma curiosa aparição no ar. Depois de um ou dois segundos, percebeu que era um sorriso, e pensou consigo mesma:

“É o Gato de Cheshire."

— Como tem passado? — perguntou o Gato, assim que apareceu boca suficiente para falar.

— Não acho que eles estejam jogando limpo — começou Alice, assim que as orelhas apareceram. — Eu devia ter acertado o ouriço da Rainha agora, mas ele fugiu quando viu o meu se aproximar.

— Com quem você está falando? — perguntou o Rei, aproximando-se de Alice e olhando para a cabeça do Gato. O resto ainda não tinha se materializado.

— Com um Gato de Cheshire — disse Alice.

— Não gosto da aparência dele — disse o Rei. — Mas apesar disso ele pode beijar a minha mão.

— Melhor não — observou o Gato.

— Não seja impertinente — disse o Rei. — E não fique me olhando desse jeito!

— Um gato pode olhar para um rei — disse Alice. — Li isso em um livro.

— Bem, ele vai ter de ser eliminado — disse o Rei, muito decidido, e chamou a Rainha, que estava passando ali perto:

— Meu bem — gritou o Rei para a Rainha —, eu gostaria que você mandasse eliminar este gato.

— Cortem a cabeça dele! — disse ela, sem ao menos virar-se para dar uma olhada.

— Eu mesmo vou buscar o carrasco — disse o Rei, e saiu apressado.

Alice foi procurar o seu flamingo, que estava tentando voar para cima de uma árvore, mas, quando afinal conseguiu agarrá-lo, seu ouriço tinha se engalfinhado com outro ouriço. Assim, ela voltou para junto de seu amigo, o Gato de Cheshire, apenas para deparar com uma discussão acalorada em andamento entre o Rei, a Rainha e o carrasco.

O carrasco disse que não se pode cortar uma cabeça a não ser que haja um corpo do qual ela possa ser cortada.

O Rei disse que qualquer coisa que tenha uma cabeça pode ser decapitada.

A Rainha disse que, se alguém não fizesse alguma coisa a respeito depressa, ela mandaria executar todo o mundo.

Alice disse:

— Ele pertence à Duquesa. Seria melhor perguntar a “ela”.

— Traga-a aqui — disse a Rainha. — O carrasco partiu ligeiro como uma flecha.

Quando ele regressou com a Duquesa, a cabeça do Gato já tinha desaparecido completamente; assim, o Rei pôs-se a correr freneticamente de um lado para outro procurando-a, enquanto o resto do grupo voltava para o jogo.

9. A história da Tartaruga de Imitação

— Você não pode imaginar o quanto estou contente em revê-la, minha queridinha! — disse a Duquesa, enquanto elas caminhavam juntas.

Alice ficou contente por vê-la tão bem-humorada, mas não gostou muito de senti-la tão perto: primeiro, porque a Duquesa era muito feia; e segundo, porque tinha a altura exata para apoiar o queixo no ombro de Alice.

— Parece que o jogo vai indo bem melhor agora — disse Alice.

— É verdade — disse a Duquesa —, e a moral disso é: "Oh!, é o amor, é o amor que faz o mundo girar!" Eu diria que você está se perguntando por que eu não passo meu braço pela sua cintura. A razão é que tenho dúvidas quanto ao gênio do seu flamingo. Acha que devo fazer a experiência?

— Ele pode lhe dar uma bicada — respondeu Alice, pois não estava muito ansiosa por fazer a tal experiência.

— É verdade — disse a Duquesa. — Flamingos, assim como mostarda, podem causar ulcerações. E a moral disso é: "Aves da mesma plumagem voam em bando."

— Mostarda não é ave — observou Alice.

— Você está certa, como de costume — disse a Duquesa. — Você tem um modo tão claro de colocar as coisas!

— É um mineral, “eu acho” — disse Alice.

— Claro que é — disse a Duquesa.

— Ah, já sei! — exclamou Alice. — É um vegetal. Não parece, mas é.

— Concordo plenamente — disse a Duquesa, mas sua voz emudeceu. Bem na frente delas estava a Rainha, de braços cruzados, enfezada como uma trovoada.

— Agora vou lhe dar um aviso de amiga — gritou a Rainha. — Das duas uma: ou “você” cai fora, ou a sua cabeça!

A Duquesa desapareceu num ápice.

— Prossigamos com o jogo — disse a Rainha a Alice.

A Rainha não parou um instante de discutir e gritar "Cortem as cabeças deles!", e assim ao cabo de meia hora todos os jogadores, exceto o Rei, a Rainha e Alice, estavam condenados à morte.

Então a Rainha, um tanto sem fôlego, disse para Alice:

— Você já foi ver a Tartaruga de Imitação?

— Não — disse Alice. — Não sei nem o que é uma Tartaruga de Imitação.

— É aquilo de que é feita a sopa de tartaruga de imitação — disse a Rainha. — Venha.

Enquanto se afastavam, Alice ouviu todos.

Logo elas encontraram um Grifo profundamente adormecido ao sol.

— Acorde, seu preguiçoso! — disse a Rainha —, e leve esta jovem para ver a Tartaruga de Imitação. — E ela foi embora, deixando Alice sozinha com o Grifo.

O Grifo esfregou os olhos e ficou então olhando a Rainha se afastar.

— Eles nunca executam ninguém por aqui, sabia? — disse ele com uma risadinha. — Vamos!

Não tiveram de andar muito até avistar a Tartaruga de Imitação, sentada sobre uma pedra, suspirando como se o seu coração fosse se despedaçar.

— Por que toda essa tristeza? — Alice perguntou ao Grifo.

— Tudo invencionice dela: ela não tem tristeza alguma — respondeu o Grifo. A Tartaruga de Imitação olhou para eles com seus grandes olhos cheios de lágrimas.

— Esta jovem aqui — disse o Grifo — quer conhecer a sua história.

— Vou contar — disse a Tartaruga de Imitação. — Um dia... eu já fui uma Tartaruga de verdade.

Essas palavras foram entrecortadas por constantes soluços e seguidas por um longo silêncio.

Alice já estava quase dizendo "Obrigada, cara senhora, por contar sua interessante história", mas achou que devia haver mais.

— Quando éramos pequenas — prosseguiu a Tartaruga de Imitação —, íamos à escola no fundo do mar. A professora era uma velha Tartaruga. A gente a chamava de Tatu...

— Por quê? — perguntou Alice.

— Para ouvi-la dizer "Não sou tatu" — disse a Tartaruga de Imitação. — Vamos à escola todos os dias.

— Eu também — disse Alice. — Aprendemos francês e música.

— E lavagem de roupa? — perguntou a Tartaruga de Imitação.

— É claro que não! — disse Alice.

— Ah! Então a sua escola, na verdade, não é tão boa assim — disse a Tartaruga.

— Na nossa, tínhamos francês, música e lavagem de roupa: extra. Contudo, eu não precisava disso, vivendo no fundo do mar. Só freqüentei as aulas normais: Lei Dura e Reinação Livre, e depois tínhamos os vários ramos da Aritmética: Ambição, Distração, Mulificação e Derrisão.

— Nunca ouvi falar em Mulificação — disse Alice.

— Você sabe o que quer dizer bestificar, espero... — disse o Grifo, surpreso.

— Sim — disse Alice. — Quer dizer... deixar alguém com cara de tacho. Fazer ficar besta!

— Bem, então — prosseguiu o Grifo —, se você não sabe o que é mulificar, deve estar mesmo burrificada.

— E quantas horas por dia duravam as aulas? — perguntou Alice, impaciente por mudar de assunto.

— Dez horas no primeiro dia — disse a Tartaruga de Imitação. — Nove no dia seguinte, e assim por diante.

— Era por isso que ensinavam declinações — observou o Grifo. — Porque

as horas de aula iam declinando a cada dia.

Alice pensou um pouco naquilo antes de falar:

— Então o décimo primeiro dia era feriado?

— Claro que era — disse a Tartaruga de Imitação.

Alice já ia perguntar: "E o que acontecia no décimo segundo?", quando o Grifo interrompeu:

— Agora conte-lhe alguma coisa sobre os jogos.

10. A quadrilha das lagostas

A Tartaruga de Imitação suspirou profundamente e, com lágrimas escorrendo pelas bochechas, recomeçou a falar:

— Talvez você não tenha morado muito tempo no fundo do mar, e talvez você nunca tenha sido nem sequer apresentada a uma lagosta, portanto não pode ter nem idéia do que é uma Quadrilha de Lagostas.

— Não — disse Alice. — Que tipo de dança é essa?

— Primeiro — disse o Grifo —, você forma uma fileira ao longo da praia...

— Duas fileiras! — exclamou a Tartaruga de Imitação. — Focas, tartarugas, salmões e assim por diante...

— Cada qual com uma lagosta por parceira! — gritou o Grifo.

— Claro — disse a Tartaruga de Imitação. — Dá dois passos à frente...

— ... troca de lagosta e volta atrás — continuou o Grifo.

— E então — prosseguiu a Tartaruga de Imitação — você atira as lagostas no mar, o mais longe que conseguir...

— E sai nadando atrás delas! — bradou o Grifo. — Dá um salto mortal no mar, troca lagostas de novo...

— De volta à praia, e fim da primeira parte — disse a Tartaruga de Imitação, sem fôlego. — Você gostaria de ver?

— Sim, gostaria muito — disse Alice.

— Podemos fazer isso sem lagostas — disse o Grifo.

Eles então começaram a dançar solenemente dando voltas e mais voltas em

torno de Alice, volta e meia pisando-lhe os pés, e abanando as patas para marcar o compasso enquanto a Tartaruga de Imitação cantava, muito lenta e tristemente:

Disse a pescada branca ao cara-
col: "Ande mais ligeiro,
O golfinho aí atrás me pisa o
rabo, companheiro!
Veja as lagostas, as tartarugas,
todo o mundo avança,
Na praia já vão aguardar; vai
querer entrar na dança?
Você vai, não vai, vai ou
não vai entrar na dança?
Você vai, não vai, não vai
ou vai entrar na dança?
A delícia que vai ser, você
nem pode imaginar,
Quando jogarem a nós e às
lagostas bem longe no mar!"
"Longe demais!", disse o cara-
col, todo desconfiança;
Agradeceu à pescada, mas não
vai querer entrar na dança.
Você não pode, não quer,
não vai, nem entrar na
dança.
Você não quer, não vai,
nem pode entrar na dança."

E perguntou o amigo escamado:
"Que importa a distância?
Tem outra praia adiante, por-

tanto não tem importância!
Se é mais longe da Inglaterra,
mais perto fica da França...
Então não fique assim pálido,
e trate de entrar na dança!
Você vai, não vai, vai ou
não vai entrar na dança?
Você vai, não vai, não vai
ou vai entrar na dança?"

— Obrigada — disse Alice. — Se eu fosse a pescada branca, teria dito ao golfinho: "Não queremos você conosco!"

— Nenhum peixe em seu perfeito juízo iria a lugar algum sem um golfinho — disse a Tartaruga de Imitação. — Como você sabe, os golfinhos também são chamados de delfins; ora, se um peixe viesse para mim e dissesse que estava saindo de viagem, eu perguntaria: "Com que delfim?"

— Você não quer dizer "com que fim"? — perguntou Alice.

— Eu quero dizer o que disse — retrucou a Tartaruga de Imitação. — Vamos lá, agora queremos ouvir algumas das suas aventuras.

Então Alice começou a contar-lhes suas aventuras a partir do momento em que encontrara o Coelho Branco.

Seus ouvintes ficaram absolutamente quietos até que chegou à parte em que recitava "Estás Velho, Pai Guilherme". Neste ponto, a Tartaruga de Imitação suspirou e disse:

— Eu gostaria de ouvi-la recitar alguma coisa agora — e olhou para o Grifo.

— Fique em pé e recite "Era a Voz do Mandrião" — ordenou o Grifo.

Alice começou, mas sua cabeça estava tão tomada pela Quadrilha das Lagostas que as palavras saíram, de fato, um tanto esdrúxulas:

Era a voz da Lagosta, eu mesma
a ouvi declarar:
"Você me assou demais, vou com

açúcar me empoar."
Qual pata com as pálpebras
ela, com seu nariz,
Ajeita a farda e lustra os
sapatos de verniz.

— Eu gostaria que isso fosse explicado — disse a Tartaruga de Imitação.

— Ela não pode explicar — disse o Grifo apressadamente.

— Mas... e os sapatos de verniz? — insistiu a Tartaruga de Imitação. — Como ela poderia lustrá-los com o nariz?

— Vamos à estrofe seguinte — disse o Grifo, e Alice não ousou desobedecer.

Passando pelo seu jardim,
pude observar
Coruja e Pantera um
empadão compartilhar...

— Isso é a coisa mais confusa que já ouvi! — interrompeu a Tartaruga de Imitação.

— Sim, acho melhor você desistir — disse o Grifo. — Você quer que a Tartaruga de Imitação cante uma canção?

— Ah, por favor! — respondeu Alice, impaciente.

— Hum! — disse o Grifo. — Não quer cantar "Sopa de Tartaruga" para ela, minha velha?

A Tartaruga de Imitação, sufocada começou:

Ó bela Sopa, verde e atraente
Aguardando na terrina quente!
A tal delícia, quem não diz:
Opa!
Que be-ééla So-oopa!

Que be-éela So-oopa!
É a so-oopa da ce-ee-e-ia,
Que bela, tão bela Sopa!

Ó bela Sopa! Um peixe quem
quer,
Ou caça, ou outro prato qual-
quer?
Quem, afinal, não faria propa-
ganda
da bela, tão bela Sopa?
Propaganda da tão bela Sopa?
Que be-éela So-oopa!
Que be-éela So-oopa!

É a so-oopa da ce-ee-e-ia,
Que bela, tão be-ÉLA
SOPA!

A Tartaruga de Imitação estava começando a repetir o coro, quando um brado de "O julgamento está começando!" foi ouvido de longe.

— Vamos! — gritou o Grifo, pegando Alice pela mão.

— Que julgamento? — perguntou Alice esbaforida, sem parar de correr, mas o Grifo apenas começou a correr ainda mais rápido. Fracamente, transportadas pela brisa que os perseguia, chegavam a eles as melancólicas palavras:

É a so-oopa da ce-ee-e-ia,
Que bela, tão be-éela Sopa!

11. Quem roubou as tortas?

O Rei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos, com uma grande multidão em volta deles. O Valete estava diante deles, acorrentado, e o Coelho Branco estava por perto, segurando uma corneta numa das mãos e um rolo de pergaminho na outra. No meio do tribunal havia uma mesa e, sobre ela, uma travessa de tortas. O juiz era o Rei; e estava usando a coroa por cima da peruca.

Os doze jurados estavam todos muito atarefados, escrevendo em pequenas lousas.

— O que eles estão fazendo? — sussurrou Alice.

— Estão anotando os próprios nomes — sussurrou o Grifo em resposta —, de medo de esquecê-los antes de terminar o julgamento.

— Mas que energúmenos! — começou a dizer Alice, porém interrompeu-se, pois os jurados estavam escrevendo "Mas que energúmenos!" em suas lousas.

— Arauto, leia a acusação! — disse o Rei.

O Coelho Branco deu três toques na corneta, desenrolou o pergaminho e leu o que se segue:

A Rainha de Copas fez umas
tortas;
Foi num belo dia de verão:
O Valete de Copas roubou as
tortas
E sumiu com elas desde
então!

— Deliberem o seu veredicto — disse o Rei aos jurados.

— Ainda não! — interrompeu o Coelho. — Ainda falta muita coisa antes disso! Chame a primeira testemunha!

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Ele entrou segurando uma xícara de chá em uma das mãos e um pedaço de pão com manteiga na outra.

— Peço desculpas — começou ele —, mas eu ainda não tinha acabado de tomar o meu chá quando fui convocado.

— Quando você começou? — perguntou o Rei.

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março:

— Acho que foi em quatorze de março.

— Quinze — disse a Lebre de Março.

Os jurados anotaram as duas datas e somaram uma à outra.

— Tire o seu chapéu! — ordenou o Rei ao Chapeleiro.

— Ele não é meu — disse o Chapeleiro.

— Roubado! — exclamou o Rei.

— Eu não tenho chapéu próprio, sou um Chapeleiro.

— Preste o seu depoimento — disse o Rei. — E não fique nervoso, ou mando executá-lo aí mesmo.

Neste momento, Alice sentiu uma curiosa sensação.

— Gostaria que você não me espremesse tanto — queixou-se o Rato do Campo, que estava sentado ao lado dela. — Mal posso respirar.

— Não posso fazer nada — disse Alice, muito humildemente. — Estou crescendo.

— Preste o seu depoimento — repetiu o Rei, furioso.

— Sou um homem pobre, Majestade — começou o Chapeleiro com a voz trêmula —, e o chá estava piscando...

— O que estava piscando? — perguntou o Rei.

— O chá. Começou com ele — respondeu o Chapeleiro.

— Só se for o seu chá! — disse o Rei asperamente. —

O meu chá começa com CH, e não com L.

— Sou um homem pobre — repetiu o Chapeleiro, nervosamente. – A Lebre de Março disse...

— Eu não disse! — interrompeu a Lebre de Março.

— Ela nega — disse o Rei. — Omitam esta parte.

— Bem, o Rato do Campo disse... — prosseguiu o Chapeleiro, voltando a cabeça, ansioso, para ver se ele também iria negar; mas o Rato do Campo estava dormindo profundamente.

— Mas o que foi que o Rato do Campo disse? — perguntou um dos jurados.

— Disso, eu não me lembro — disse o Chapeleiro.

— Você pode ir — disse o Rei.

— E aproveitem para cortar a cabeça dele lá fora — acrescentou a Rainha a um dos funcionários; mas o Chapeleiro já tinha sumido de vista antes que o funcionário pudesse chegar até a porta.

A testemunha seguinte era a cozinheira da Duquesa, de pimenteira na mão.

— Preste o seu depoimento — disse o Rei.

— Eu, não — disse a cozinheira.

O Rei franziu a testa:

— De que são feitas as tortas?

— Principalmente de pimenta — disse a cozinheira.

— Melado — disse uma voz sonolenta atrás dela.

— Agarrem aquele Rato do Campo! — berrou a Rainha. — Arranquem-lhe os bigodes!

Durante alguns minutos, houve um grande rebuliço no tribunal, e, quando finalmente todos voltaram aos seus lugares, a cozinheira tinha desaparecido.

— Não tem importância! — disse o Rei, com ar de profundo alívio. — Chamem a próxima testemunha.

Alice ficou observando enquanto o Coelho Branco se atrapalhava todo com a lista, curiosíssima por saber qual seria a testemunha seguinte. Imaginem qual não foi a sua surpresa quando o Coelho leu em voz alta, no volume máximo de sua vozinha estridente, o nome "Alice"!

12. O depoimento de Alice

— Presente! — gritou Alice, esquecendo-se completamente de quanto já tinha crescido, e deu um pulo, derrubando todos os jurados. — Oh, desculpem, por favor! — exclamou ela, e começou a recolhê-los o mais depressa que podia. Em sua pressa, tinha posto o Lagarto em seu lugar de cabeça para baixo, e o pobre coitado ficou lá abanando o rabo, totalmente incapaz de se mover, até ela colocá-lo de volta na posição certa. "Eu diria que a sua utilidade no julgamento seria exatamente a mesma, numa posição ou na outra", pensou ela consigo mesma.

— O que você sabe desse assunto? — o Rei perguntou a Alice.

— Absolutamente nada — disse Alice.

— Isso é muito importante — disse o Rei para o júri.

Alguns jurados anotaram "importante" e outros "desimportante".

O Rei leu em seu caderno de anotações:

— "Artigo Quarenta e Dois. Todas as pessoas com mais de um quilômetro de altura devem abandonar o recinto do tribunal."

Todos olharam para Alice.

— “Eu” não tenho um quilômetro de altura — disse Alice.

— Você tem quase dois quilômetros de altura! — disse a Rainha.

— Bem, eu não vou sair — disse Alice. — Este não é um artigo de verdade, você acabou de inventar.

— É o artigo mais antigo do livro — disse o Rei.

— Nesse caso, deveria ser o Artigo Número Um — disse Alice.

O Rei empalideceu.

— Deliberem o veredicto — disse ele aos jurados.

— Ainda há mais provas a examinar — disse o Coelho Branco aos pulos. — Este documento acaba de ser recolhido. É uma porção de versos.

— Estão na caligrafia do prisioneiro? — perguntou um jurado.

— Não, não estão — disse o Coelho Branco.

— Ele deve ter imitado a letra de alguém — disse o Rei.

— Por favor, Majestade — disse o Valete —, eu não escrevi isso, e não há nome algum assinado no fim.

— Se você não assinou — disse o Rei —, isto só piora as coisas.

— Isto prova a sua culpa — disse a Rainha.

— Isto não prova nada de parecido! — disse Alice. — Ora essa, vocês nem sabem sobre o que são os versos!

— Leia-os — disse o Rei.

O Coelho Branco pôs os óculos, e foi isto que ele leu:

Me disseram que você a visitou
E a ele de mim foi falar;
Meu bom caráter ela então

louvou
Mas disse que eu não sei
nadar.

Ele mandou dizer-lhes que não fui
(Sabemos que isto é ver-
dade):
Mas, se ela fizer questão,
ui-ui-ui!
De você que tenham piedade!

Dei uma a ela, e a ele, deram
duas,
Já você nos deu três ou mais;
Todas dele retornaram e são
suas,
Mas já foram minhas, as tais.

Se formos ela ou eu por tris-
te acaso
Envolvidos nesta questão,
Liberte-os; é o que ele
espera no caso,
Como a nós libertou então.

Eu achava que você tinha
sido
(Antes de ela ter dado o
estilo)
Mais um obstáculo intrometido
Entre ele e nós, e aquilo

Que era deles que ela gostava
mais,
Não diga a ele, e nem por
quê;
Pois tem de ser, sem revelar
jamais,
Segredo entre mim e você.

— Esta é a prova mais importante que já vimos até agora — disse o Rei.

— Não acredito que tenha nem um átomo sequer de sentido – disse Alice. (Ela crescera tanto nos últimos minutos que já não tinha medo de falar assim.)

O Rei murmurou os versos para si mesmo: “"...dei uma a ela, e a ele, deram duas..."“ Ora vejam só, deve ser o que ele fez com as tortas!

— Mas logo em seguida diz que "“todas dele retornaram e são suas”" — disse Alice.

— Ora, pois lá estão elas! — disse o Rei apontando para as tortas sobre a mesa. — Que os jurados deliberem o seu veredicto — disse o Rei, mais ou menos pela vigésima vez naquele dia.

— Não, não! — disse a Rainha. — A sentença primeiro, o veredicto depois.

— Asneiras e baboseiras! — bradou Alice.

— Cortem a cabeça dela! — berrou a Rainha, mas ninguém se mexeu.

— Quem se importa com você? — disse Alice (que, a essa altura, já crescera até o seu tamanho normal).

— Vocês não passam de um baralho de cartas!

Quando ela disse isso, todas as cartas ergueram-se no ar e foram voando para cima dela.

Ela tentou espantá-las com as mãos e viu-se deitada no barranco, com a cabeça no colo da irmã, que gentilmente afastava com a mão algumas folhas mortas que tinham caído lentamente das árvores sobre o seu rosto.

— Tive um sonho tão curioso! — disse Alice, e contou à irmã todas aquelas estranhas aventuras que vocês acabaram de ler.

— Este foi, certamente, um sonho curioso, querida — disse a irmã. — Mas já

está ficando tarde. — Assim, Alice levantou e saiu correndo.

Mas sua irmã ficou ali sentada, a cabeça apoiada na mão, assistindo ao pôr-do-sol e pensando na pequena Alice, até que ela também começou a sonhar. Todo o espaço à sua volta ficou povoado pelas estranhas criaturas do sonho da irmãzinha.

A grama alta farfalhou aos seus pés quando o Coelho Branco passou correndo. Ela podia ouvir o tilintar das xícaras de chá enquanto a Lebre de Março e seus amigos compartilhavam sua interminável refeição e, a distância, os soluços da infeliz Tartaruga de Imitação. Assim ficou sentada, de olhos fechados e meio acreditando, ela mesma, no País das Maravilhas, embora soubesse que bastaria abri-los de novo, e a grama estaria farfalhando ao vento.

Por fim, pôs-se a imaginar como aquela sua irmãzinha seria, no futuro, já mulher adulta; e como voltaria dela outras crianças e faria os olhos delas brilhar ao ouvir tantas estranhas narrativas do País das Maravilhas, de tanto tempo atrás: lembrando-se da própria infância e daqueles dias felizes de verão.

Glossário

As palavras estão explicadas neste glossário só pelo sentido com que são empregadas neste livro.

— A

apaziguador — que acalma, põe em paz.

aprazer — causar, dar prazer, agradar.

arrogante —— insolente, altivo, atrevido.

— B

baforada — quantidade de fumaça que é expelida quando se fuma.

baldear — tirar com balde para passar de um lugar para outro.

— C

chapinhar ou chapinar — agitar (a água, a lama) com as mãos ou com os

pés.

colear — fazer movimento em ziguezague.

conclave — reunião de pessoas para tratar de um assunto especial.

copas — um naipe do baralho, com desenho de coração vermelho.

cortesão — homem da corte (lugar em que reside o soberano).

croquê — jogo em que bolas de madeira são impelidas por um taco em forma de marreta, e devem passar sob pequenos arcos.

— D

decapitado — degolado, que teve a cabeça cortada.

depoimento — declaração de uma testemunha em juízo.

derrisão — escárnio, riso de desprezo.

diligente — cuidadosa.

dodo — ave maior que um peru, dotada de asas curtas, incapaz de voar, que vivia nas ilhas Maurício (oceano Índico)

— E

empoar — cobrir de pó.

encolerizado — irado, com raiva.

energúmeno — indivíduo desnorteado, desorientado.

engalfinhado — agarrado ao adversário, em luta corpo a corpo.

enguia — peixe alongado, em forma de serpente, sem barbatanas, de pele lisa e viscosa.

esbaforido — ofegante.

esdrúxulas — esquisitas, extravagantes, excêntricas.

estrilo — grito irado, protesto.

— F

farfalhar — fazer ruído semelhante ao da folhagem de árvores sob a ação do vento.

flamingo ou flamengo — ave de pernas muito longas e finas, pescoço também longo e bico curvado, com plumagem geralmente rósea.

freneticamente — de modo agitado, delirante, fora de si.

fúria — no mundo latino, as Fúrias eram divindades infernais que personificavam o remorso e a vingança dos deuses. Apareciam com os cabelos enleados por serpente!

furtivamente — de modo dissimulado, disfarçado, às ocultas.

— G

gato de Cheshire — gato proverbial, de "sorriso largo", originário de Cheshire, Inglaterra.

grifo — animal fabuloso de cabeça de águia e garra de leão.

grunhir — emitir som semelhante ao que o porco emite.

— I

incumbência — missão, tarefa, obrigação.

— L

lacaio — criado que acompanha seu senhor (patrão).

libré — uniforme de empregados em casas nobres.

lugubremente — pesarosamente, de modo triste, de luto.

— M

mandrião — preguiçoso, insolente.

matraquear — bater provocando barulho como de uma matraca (instrumento de madeira que os vendedores usam para chamar a atenção).

mordiscar — morder de leve.

— N

narguilé — cachimbo usado pelos turcos, hindus e persas, com um tubo longo e um vaso cheio de água perfumada que atravessa o fumo antes de chegar à boca.

— O

“Où est ma chatte”? — em francês, Onde está minha gata?

— P

pelica — um tipo de couro bem fino.

polidamente — delicadamente, educadamente.

— R

resfolegar — respirar com esforço para tomar fôlego.

reverência — cumprimento respeitoso.

rubra — vermelha.

— S

salmão — grande peixe de mar de carne avermelhada.

saraivada — grande quantidade de coisas arremessadas com força.

silvo — som emitido pelas cobras.

sultão — antigo imperador da Turquia, senhor poderoso, soberano.

— T

terrier — nome comum a vários cães, geralmente pequenos e baixos, próprios para caçar animais que habitam em tocas. São, normalmente, criados como animais de estimação.

torpe — desonesto, infame, indecente.

tortas — um prato assado no forno preparado com massa de farinha de trigo e recheio.

— U

ulceração — ferida aberta.

ungüento — medicamento pastoso e gorduroso para usar na pele.

— V

veredicto — decisão final de um juiz.